



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

SOU CONTRA

Marcos Roberto Inhauser

Não vou dizer coisa nova, porque isto eu e outros o dizemos há muitos anos. Mas me parece que é hora de repetir, uma vez mais: no dia em que aparecer alguém ligado a uma religião, mesmo que seja a minha, se candidatando a algum cargo eletivo e usando como bandeira esta sua característica, sou contra. Tenho horror a misturar projeto político com religião. Todas as vezes em que isto aconteceu, a coisa degingolou.

Um governante que se considere enviado de Deus para fazer a Sua obra em um determinado instante histórico é candidato seríssimo a déspota e ditador. Ele, porque tem contato direto com Deus ou relação privilegiada com Ele, se sente acima da constituição e das regras democráticas. Ele conversa com Deus!!!!

Lembro-me de três livros que li analisando a visão messiânica que Pinochet tinha da sua “missão”. Ele se sentia chamado por Deus para uma obra purificadora no seio da sociedade.

Outro que me causa arrepios cada vez que o lembro é o ex-presidente (ditador) da Guatemala, Rios Monte. Afiliado a uma igreja evangélica, ia à televisão todas as semanas para “orar pelo povo e pedir a benção de Deus sobre a nação”. Por trás, as Forças Armadas cometiam barbaridades e o seu período de governo foi um dos mais violentos da história da Guatemala. Outro que se uniu aos evangélicos para eleger-se e até teve um vice-presidente da Igreja Batista, foi o agora fugitivo Fujimori. A sua aliança partidária “Câmbio 90” teve amplo apoio dos evangélicos peruanos. Em conversa que tive com o então vice-presidente que era evangélico, já em sua fase de desilusão, ele me confidenciava que os evangélicos haviam sonhado com um país obediente à Palavra de Deus, temente a Deus.

Por outro lado, há vários exemplos de políticos evangélicos brasileiros que foram um completo desastre. Estão aí os casos dos políticos que trocaram seus votos a favor dos cinco anos de mandato do Sarney e que receberam em troca concessões de rádio e televisão, uma delas que “privilegiou” a região de Campinas.

Há o caso do padre que foi eleito prefeito de uma pequena cidade do nordeste e que foi destituído por improbidade administrativa. Outro, é o prefeito destituído de Londrina, esposo da vice-governadora do Paraná, ambos membros de igreja evangélica, e nem por isto imune às falcatruas. Há exemplos de religiosos que, guindados à um posto no legislativo, acham que sua função é criar dias festivos, praças da Bíblia, apresentar projetos de lei tornando obrigatória a leitura bíblica neste ou naquele evento ou circunstância. Isto para não falar dos que transformam o microfone do parlamento em púlpito.

Nestes dias percebe-se uma orquestração para se ter candidatos evangélicos para presidente, governador e até para prefeito de Campinas. Se isto se concretizar, de minha parte não vão receber o voto nem o apoio e com certeza receberão críticas. Se o bispo, o pastor, o padre, ou seja quem for, quiser se candidatar, que o faça como cidadão no pleno exercício da cidadania. As usar desta sua condição como marketing e vender a ideia de que um governo de religiosos é melhor que um de seculares, é enganação. Prova disto é o governo do Garotinho no Rio e as recentes revelações sobre o seu passado ético.